



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temáticas de Extensão:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Elias Veras

SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Elias Veras possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor do curso de História (Bacharelado e Licenciatura) e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde também coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS/UFAL/CNPq). Tem experiência na área de História, com ênfase em historiografia LGBTQIAPN+ e história das relações de gênero e sexualidade dissidentes. Em 2017, publicou o livro "Travestis: carne, tinta e papel" (Editora Appris, 2019). (Texto retirado do Currículo Lattes do autor)

Palavras - chave: Extensão. Movimentos Sociais. LGBTQIAPN+. Direitos Humanos.



Entrevista com Elias Veras

ENTREVISTA

Kim Santiago: Professor, eu gostaria primeiro que o senhor se apresentasse e falasse um pouco do seu currículo.

Elias Veras: [...] “Meu nome é Elias Veras, eu tenho quarenta e dois anos, sou um homem gay, branco e cis. Nasci em uma praia que fica localizada no interior do Ceará, chamada Bitupitá (CE). Desde 2018, moro em Maceió (AL), e integro o corpo docente do curso de História [Licenciatura, Bacharelado e PPGH] da UFAL, onde também coordeno o Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS). Venho desenvolvendo as minhas ações na UFAL a partir desses lugares institucionais, que também são políticos, atuando como um professor-pesquisador que se preocupa com a teoria e a metodologia de história e com as questões de gênero, sexualidade e as experiências LGBTQIAPN+.”

Kim Santiago: Como nasceu esse desejo inicial pela temática e de produzir conteúdo acadêmico LGBTQIAPN+? Como tem sido sua prática contributiva na realização de pesquisa relacionada a este tema?

Elias Veras: [...] Nasci no interior do Ceará, num vilarejo de pescadores, onde viviam um pouco mais de onze mil pessoas. Fui uma criança e adolescente, durante as décadas de oitenta e noventa. Como um adolescente que já identificava seu desejo homossexual, embora na época, não o nomeasse desse modo, fui muito marcado por uma série de interdições, censuras e tentativas violentas de me inserir naquilo que hoje chamamos cisheteronormatividade [ver o livro *Transfeminismo*, de Letícia Nascimento (2023)]. [...] Esse período foi marcado por tentativas de me integrar ao grupo dos garotos que jogavam bola e que no final do dia saiam para a beira da praia paquerar as meninas. Vivi muita exclusão, por não fazer completamente parte desses grupos e espaços. Então, a minha infância e uma parte da minha adolescência em Bitupitá, foi muito marcada, por um lado, pelo desejo homossexual, por outro, por uma repressão a esse



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temáticas de Extensão:
DIREITOS
HUMANOS &
JUSTIÇA

Entrevista com Elias Veras

desejo. No final dos anos noventa, me mudei para Fortaleza (CE). Fiz o ensino médio e minha graduação em História na Universidade Federal do Ceará (UFC), na capital cearense. Neste período, continuei tentando me inserir no universo heterossexual. [...] No início da graduação [realizada entre 2001 e 2005], conheci o professor Almir Leal. Eu já tinha vinte e poucos anos, talvez vinte e um. Almir, foi para mim uma das primeiras representações positivas do que seria ser gay. Essa amizade foi muito importante para a construção da minha afirmação como um sujeito gay. [...] Ao mesmo tempo, nessa época, comecei a acessar o bate-papo do UOL [aplicativo que permite conversas virtuais], momento em que comecei a “sair do armário”. Foi através do bate-papo que eu conheci os meus primeiros amigos gays e os meus primeiros namorados. Foi talvez o início de minha tomada de consciência e orgulho gay. Ainda de um modo muito clandestino, ainda muito marcado pela culpa, pela vergonha, mas também por um desejo de viver meus afetos, pelas primeiras partilhas coletivas gays. (...)

Em 2007, fui para São Paulo fazer o meu mestrado, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), entre 2007 e 2009. Era a primeira vez que saía da casa dos meus pais. Na verdade, a segunda. A primeira foi quando saí de Bitupitá para Fortaleza (...). Eu já estava vivenciando de um outro modo a minha sexualidade em São Paulo. Já com uma afirmação política e uma consciência gay. Foi em São Paulo que eu me interessei pela história das travestis, tema que, posteriormente, desenvolvi no doutorado em história na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação das professoras Joana Maria Pedro e Roselane Neckel, historiadoras referências na história dos feminismos do Brasil. [ver o livro *Travestis: carne, tinta e papel*, Elias Veras (2019)]. Retomei essa trajetória para mostrar o quanto minha formação profissional no campo da história está constituída por esses percursos e escolhas. Ou seja, com a minha experiência de tomada de consciência gay nas décadas de 90 e início dos anos 2000, do encontro com os estudos de gênero e o feminismo, com o pensamento do Michel Foucault, filósofo francês homossexual que morreu em 1984, em decorrência do HIV, e que desenvolveu uma série de pesquisas históricas - apesar de ser filósofo - sobre o tema da sexualidade [...]. A partir desses encontros, fui me construindo historiador e gay. Escolhas acadêmicas e teóricas, mas, sobretudo, escolhas políticas e existenciais. Defendi a tese em 2015 e nos dois anos



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Elias Veras

seguintes, trabalhei como professor substituto nos cursos de História na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e, posteriormente, na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Em 2018, assumi a vaga como professor efetivo na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), fundando, no mesmo ano, o Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS).

O GEPHGS é fruto das minhas experiências anteriores em grupos de pesquisas feministas, sobretudo, no LEGH/UFSC [Laboratório de Estudos de Gênero e História]. Foi ali com as pesquisadoras feministas, durante o doutorado, que aprendi ser impossível escrever história ou fazer teoria da história sem uma relação direta com a produção da própria vida. Com a fundação do GEPHGS, começamos a desenvolver uma série de ações de ensino, extensão e pesquisa relacionadas ao tema do gênero, da sexualidade e da história LGBTQIAPN+. (...) O primeiro exemplo que eu gostaria de citar dessas ações é a realização, já em 2018, da atividade de extensão “Diálogos Interdisciplinares Sobre Gênero, Raça e Sexualidade” [em maio deste ano, realizaremos a sexta edição, com o apoio do CNPq e do PPGH], que tem como objetivo principal reunir pesquisadores/as, ativistas, artistas que estudam as questões de gênero, sexualidade, raça, classe, etnia, território, dentre outras categorias importantes para análise das desigualdades sociais. (...) Outra atividade importante são as pesquisas sobre as pessoas LGBTQIAPN+ na imprensa de Alagoas. Desde 2018, seja no âmbito do PIBIC/UFAL, seja por meio de projetos aprovados em editais públicos [CNPq, Fapeal], temos historicizado as experiências de gays, lésbicas, travestis, pessoas trans, não-binários, queer em Alagoas a partir da pesquisa nos jornais *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas*, das décadas de 1960/2000.

Além disso, temos desenvolvido uma outra pesquisa sobre os acervos pessoais dos ativistas LGBTQIAPN+ de Maceió e os acervos das primeiras organizações LGBTQIAPN+ de Alagoas, constituídos nos anos de 1990 e 2000. É um projeto desenvolvido em parceria com o ativista gay Marcelo Nascimento e com a jornalista Cíntia Ribeiro, que inclusive faz doutorado no PPGLL da FALE. (...) Além disso, a gente também tem desenvolvido um projeto em parceria com a FIOCRUZ, chamado “Juventudes e Saúde LGBTQIAPN+ em

Entrevista com Elias Veras

Alagoas”. Ao contrário das pesquisas que têm um caráter mais histórico, este último tem como objetivo escutar, registrar e divulgar as narrativas de jovens LGBTQIAPN+ sobre o as condições de acesso à saúde em Alagoas. No dia 25 de março, faremos um seminário público para socializar os achados da pesquisa e lançar a *Cartilha das juventudes e saúde LGBTQIAPN+ em Alagoas*”.

(...) Embora estejamos muito interessados e interessadas em formar pesquisadores e pesquisadoras, não só historiadores e historiadoras, mas também estudantes de outros cursos, o GEPHGS tem sido mais do que um espaço acadêmico, ele tem sido também lugar de acolhimento, de afirmação, reconhecimento e reafirmação das identidades de gênero e sexualidade, que a gente chama hoje de dissidentes da cisheteronorma. E tem sido um espaço também de formação política. Um dos desdobramentos do projeto “Juventudes...” realizado em parceria com a FIOCRUZ é justamente elaborar um documento sobre a importância de políticas públicas para jovens LGBTQIAPN+ em Alagoas. Finalmente como um dos eixos importantes de atividades do GEPHGS, realizamos encontros semanais ou quinzenais, para discutir textos de referência sobre os feminismos, as questões raciais e LGBTQIAPN+. O GEPHGS tem feito uma abordagem cada vez mais interseccional [ver as obras *Mulheres, raça e classe*, de Ângela Davis (2016) e *Por um feminismo afro-latino-americano*, de Lélia Gonzalez (2020)] e para, não só da história, mas da realidade social do estado. Minha trajetória foi e continua sendo muito marcada pelos encontros realizados nesse percurso, com os movimentos sociais, com o movimento feminista, com o movimento negro e, sobretudo, com o movimento LGBTQIAPN+.

Kim Santiago: Sobre os processos de afirmação e de reafirmação identitária e a relação destes com movimentos sociais, como o senhor descreve a importância e os tipos de contribuições destes processos a partir de movimentos sociais relacionados a temáticas de afirmação, de reconhecimento e de respeito à diversidade humana, em especial no combate a contextos socioculturais que colocam pessoas LGBTQIAPN+ em situações de vulnerabilidades em decorrência do não respeito aos seus direitos?



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temáticas de Extensão:
DIREITOS
HUMANOS &
JUSTIÇA

Entrevista com Elias Veras

Elias Veras: (...) a minha participação na Parada da Diversidade de Fortaleza, em 2012, que é talvez uma das maiores do Brasil, foi extremamente importante para a minha compreensão política gay. Ainda que as paradas sofram muitas críticas, sendo equivocadamente acusadas de se reduzirem a um momento festivo, desprovido de um caráter político, acredito e a vivencio como um espaço político, inclusive de formação política. Foi/É para mim assim, pelo menos. Em Fortaleza, a Parada é organizada pelo GRAB, Grupo de Resistência Asa Branca, um dos grupos homossexuais em funcionamento mais antigo do Brasil. O grupo foi criado em 1989, na capital cearense. Ao participar da Parada, me dei conta de que eu fazia parte de uma coletividade. (...) Ao contrário do que acontece (e pensam) as pessoas heterossexuais, a gente não aprende a ser gay, a ser uma travesti, a ser homem ou mulher trans em casa, na escola, na igreja ou nos espaços públicos [Foucault chamaria esses espaços de dispositivos da cisheteronorma]. Como homem gay cis, adolescente e jovem nos anos 90 e 2000, aprendi a ser gay de um modo muito clandestino e solitário. Certamente, as gerações contemporâneas vivenciam de outros modos as suas sexualidades, mas no meu caso, fui tudo muito clandestino. Então fazer parte, à luz do dia dessa grande multidão LGBTQIAPN+, ver as pessoas na rua confraternizando, celebrando, beijando na boca, dançando... foi extremamente importante, pois ali entendi que eu fazia parte de uma coletividade, de uma comunidade. Por isso a importância dos movimentos sociais. Eles nos inserem nesses espaços de coletividade. Eles contribuem para que a gente possa construir um sentimento de pertencimento e de reconhecimento. Aprendemos a nos reconhecer, a querer fazer parte de uma cultura e a ter orgulho dela. Em nome dessa cultura, estigmatizada, lutamos pelo direito à vida. Fui aprendendo que gay já não era motivo de vergonha, culpa, estigmatização ou/e exclusão, mas de orgulho. Eu penso que os movimentos sociais e, particularmente o movimento LGBTQIAPN+, é importante por isso. Uma dimensão da importância dos movimentos LGBTQIAPN+ é justamente das lutas por direitos. Muitos dos direitos na história recente do país são frutos das lutas dos movimentos feministas, negros, LGBTQIAPN+, indígena. Daqueles e daquelas que, inclusive, estiveram e que lutaram antes de nós. Para exemplificar, eu gostaria de citar as lutas do Grupo Gay da Bahia (GGB), criado no início dos



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temáticas de Extensão:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Elias Veras

anos 80 em Salvador, por Luiz Mott. O grupo foi importante, ao longo das décadas de 80 e 90, na luta pela despatologização das homossexualidades, que era considerada uma doença até então. O GGB também foi importante por fazer da denúncia pública da violência contra as pessoas LGBTQIPN+, uma questão pública. Os ativistas do grupo utilizaram o espaço da imprensa para fazer a denúncia dos assassinatos, que hoje chamamos LGBTQIAPN+fobia. Os primeiros dados organizados e sistematizados, os primeiros dossiês lançados publicamente sobre a LGBTQIAPN+fobia no Brasil foram justamente produzidos pelo GGB e por outros grupos LGBTQIAPN+ organizados e que tinham como objetivo fazer a denúncia pública da violência contra as pessoas LGBTQs. O GGB também atuou na formação e criação de outros grupos homossexuais no país. O Grupo Gay de Alagoas (GGAL), criado em 1997, emerge nesse contexto. O ativista gay Marcelo Nascimento, a militante trans Cassandra Nascimento, são duas pessoas importantes desta história em Alagoas. (...) Eles também se apropriaram da imprensa e das ruas para fazerem a denúncia contra a violência LGBTQIAPN+fóbica. Reivindicaram leis a favor dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+, nesse sentido, terão o apoio de políticos como o atual deputado federal Paulão do PT, atuando na cobrança pública por justiça, direito e reconhecimento. (...) Os movimentos sociais foram e são extremamente importantes, contudo, é sempre pertinente perguntarmos, diante das mudanças contemporâneas, das reivindicações da nova geração de jovens LGBTQIAPN+, da multiplicidade de pautas, espaços e sujeitos, como os movimentos têm atuado no presente? Com a presença da internet e da militância em rede no cotidiano, quais têm sido os desafios colocados para os movimentos LGBTQIAPN+? Diante de incertezas e urgências, continuo acreditando que seja preciso que os movimentos LGBTQIAPN+ lutem em aliança [ver o *livro Corpos em aliança*, de Judith Butler, 2023] com outros movimentos sociais importantes, como o movimento negro e o movimento feminista. Eu penso que sem essa política da aliança e de uma construção interseccional será muito difícil transformarmos a realidade ainda profundamente marcada pelas injustiças, uma vez que essas injustiças são de gênero e de sexualidade, mas elas também são de raça e classe.



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Tematicas de Extensao:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Elias Veras

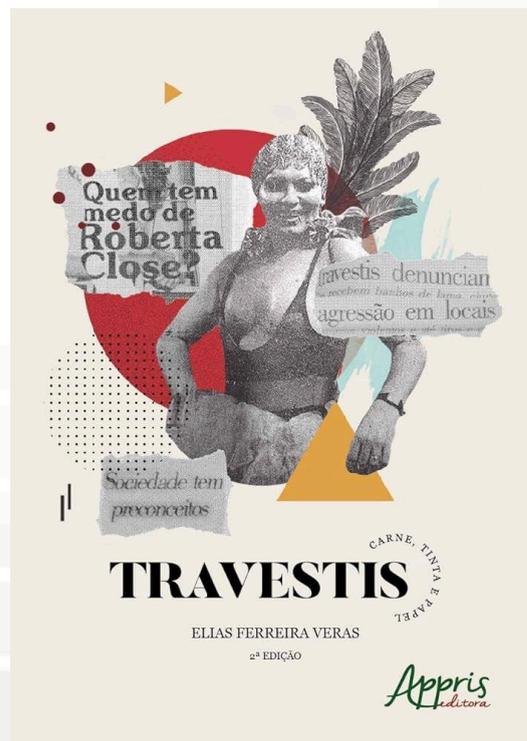
Kim Santiago: o que o senhor pode relatar sobre resultados e contribuições da sua práxis enquanto pessoa pesquisadora no processo de luta em prol da materialização dos movimentos sociais no Estado de Alagoas, em especial, no caso do movimento LGBTQIAPN+?

Elias Veras: Veja o tema da nossa conversa de hoje e da edição especial da Revista, sobre direitos humanos e justiça social, certo? Ou seja, é sobre (re)conhecer e (re)construir a nossa própria história. Sair não só do armário, mas da invisibilidade, sair do silenciamento, romper com os estigmas que foram criados sobre nós pessoas LGBTQIAPN+ é um ato político de luta pela vida digna de ser vivida. Fazer uma história desse ato coletivo, dessa formação cultural, política e subjetiva construída sobre muitas violências é lutar por justiça social. Elaborar uma crítica à reprodução de muitas desigualdades, inclusive no interior da comunidade LGBTQIAPN+, é extremamente importante para que a gente possa reivindicar, viver efetivamente a prática dos direitos humanos. Ao retomar muitas trajetórias silenciadas, excluídas e estigmatizadas, ao registrar e ao divulgar muitas destas histórias até então não contadas, esquecidas nos arquivos, nós, historiadores/as podemos contribuir na e para as lutas por direitos e por justiça social. Eu acredito e vivencio a história não só como uma área acadêmica de produção que vai analisar as pessoas no tempo, mas também como um lugar de reconhecimento de si, de pertencimento, de busca por direitos e de luta. De modo que, digo que o que nós fazemos no campo da História, no âmbito das atividades do GEPHGS, não é uma ciência neutra, imparcial e desprovida de paixão, de engajamento e de política, muito pelo contrário. Construimos coletivamente um tipo de conhecimento engajado que tem como objetivo historicizar e problematizar o quanto nossa realidade contemporânea continua marcada pela LGBTQIAPN+fobia, pelo machismo, pelo racismo, pelas desigualdades sociais. Estamos finalizando neste ano, dois projetos importantes: a publicação do livro *Indesejados/as: feminismos e LGBTQIAPN+ na imprensa de Alagoas*, organizado em parceria com a historiadora Roberta Sodó, atualmente, mestranda do PPGH/UFAL, que reunirá textos de graduandos/as e mestrandos/as de História, que integram o GEPHGS, publicação resultante do edital Humanidades/FAPEAL, e o livro *Orgulho! Acervo, memórias*

Entrevista com Elias Veras

e escritas das lutas LGBTQIAPN+ em Alagoas, co-organizado com Marcelo Nascimento e Cintia Ribeiro. Esse livro vai reunir uma série de entrevistas, de acervos e de textos em primeira pessoa de entrevistados que lutam/lutaram por direitos humanos e justiça social das pessoas LGBTQIAPN+ em Alagoas. O livro ainda não foi publicado porque nós não tivemos recursos públicos que garantissem sua publicação até o momento. (...) Elas se juntarão às coletâneas do GEPHGS *Corpos em Aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*, organizada com Ana Claudia Aymoré (2020) e *Re Existências. Feminismos e LGBTQIAPN+ na ditadura civil-militar e na redemocratização no Brasil (2023)*, com coautoria de Joana Maria Pedro e Benito Schimdt. Ambas disponíveis gratuitamente na internet. Essas obras, assim como as ações de extensão e ensino descritas anteriormente, são exemplos de como não podemos deixar de esquecer quem fomos/o que somos, o quanto (ainda) sofremos, o quanto precisamos “reexistir” para existir.

Segue algumas imagens dos projetos do GEPHGS:



Capa do livro **Travestis: carne, tinta e papel**



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
**DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA**

Entrevista com Elias Veras

**RODA DE CONVERSA:
JUVENTUDES
BICHAS, GAYS,
BISSEXUAIS E SAÚDE**

**25 de novembro, às 15h,
SINDPREV**

AJF **FIOCRUZ** **UFAL** **GEPHGS** **JUVENTUDES
& SAÚDE
LGBTQIA+
EM ALAGOAS**

Roda de Conversa (FIOCRUZ)

Em fim traduzido para o português do Brasil, o artigo de Kimberlé Williams Crenshaw que fundamenta os debates atualmente inteiros sobre interseccionalidade chega a nós em momento oportuno, para focar-se, como costumo afirmar, as luzes do pensamento acerca do contexto que, por excesso de brilho, se, nesse aqui. Quando Kimberlé elaborou o artigo de "interseccionalidade" ela não produziu uma teoria nova, isso sim, um instrumento útil para o diagnóstico e entendimento consciente das desigualdades delineadas nos ambientes marcados pelo sistema de opressão que define a própria estrutura social. Interseccionalidade é, acima de tudo, uma metodologia. Não que honrar e fazermos transformar o mundo ganharmos, assim, uma conexão de como categorizar as nossas lutas? Luto aqui, possivelmente esta metáfora de gerarmos alto trabalho que encerra em si a luta interseccional das possibilidades e riscos enovados simultaneamente nos movimentos do tipo social e em nossas escolhas pessoais. E nesse sentido que o livro organizado por Ana Claudia Aymoré Martins e Elias Ferreira Veras contém com reflexões, estudos e intervenções que permitem à pessoa que o lê reconhecer diferentes debates em curso quanto às múltiplas formas de ser e de se expressar de nossos corpos, interseccionalizando principalmente as dimensões de gênero, raça e sexualidade, combinando essas aplicações do pensamento interseccional ao longo de histórias mais políticas para a reflexão e reformulação das lutas interseccionalizadas que temos em nossos subtextos.

Jaqueline Gomes de Jesus
Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e pesquisadora líder do ODIA - Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Cultura, Identidade e Diversidade (CINPI). Doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB). Autora e organizadora do livro "Representando: Teorias e Práticas" (Mauad, 2014), entre outros. Transfeminista negra.

Em diálogo com as discussões sobre raça e sexualidade, os estudos de gênero buscam problematizar os discursos, as tecnologias e as práticas histórico-sociais fundantes da inteligibilidade dos corpos e das subjetividades, assim como os processos de exclusão-inclusão dos sujeitos na sociedade. A presente obra, fruto das discussões realizadas no II Colóquio Diálogos Interdisciplinares sobre Gênero, Raça e Sexualidade: corpos em aliança, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS), do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), parte desses referenciais e insere-se nesse contexto de transformações. Diante do atual cenário brasileiro, marcado pela crescente precariedade, que afeta, particularmente, trabalhadores, negros(as), mulheres e LGBTQIA+, pela persistência de preconceitos de gênero e sexualidade (perpassados por preconceitos de classe e de raça), é preciso pensar, historicamente e, de modo interseccional, as relações de gênero, de modo que a universidade não seja, ela também, produtora de desigualdades, invariabilidades e exclusões.

**Ana Claudia Aymoré Martins
Elias Ferreira Veras**
(org.)

Corpos em aliança
Diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade

Com a tradução de
Mapping the Margins: Intersectionality,
Identity Politics, and Violence
against Women of Color
de Kimberlé Crenshaw.

Ana Claudia Aymoré Martins
Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e graduada em História (bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Atualmente, é professora associada do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PGL) da Universidade Federal de Alagoas e pesquisadora no Núcleo de Estudos Interdisciplinares em História e Literatura.

Elias Ferreira Veras
Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PGL) da Universidade Federal de Alagoas e pesquisador no Núcleo de Estudos Interdisciplinares em História e Literatura.

Corpos em aliança
ed. de Ana Claudia Aymoré Martins e Elias Ferreira Veras

PPGH
Programa de Pós-Graduação em História

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Appris
editora

ISBN 978-65-8223-640-2
9786558236402

Ocupação 0000-0003-4733-0011
Ocupação 0000-0007-7706-4475

Capa do livro Corpos em Aliança (2020)



Extensão em Debate: Revista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alagoas/UFAL - (Maceió/AL).
ISSN eletrônico 2236-5842 – QUALIS B1 – DOI: <https://doi.org/10.28998/rexd.v12i14> Ed. Especial n°. 16. Vol. 13/ 2024



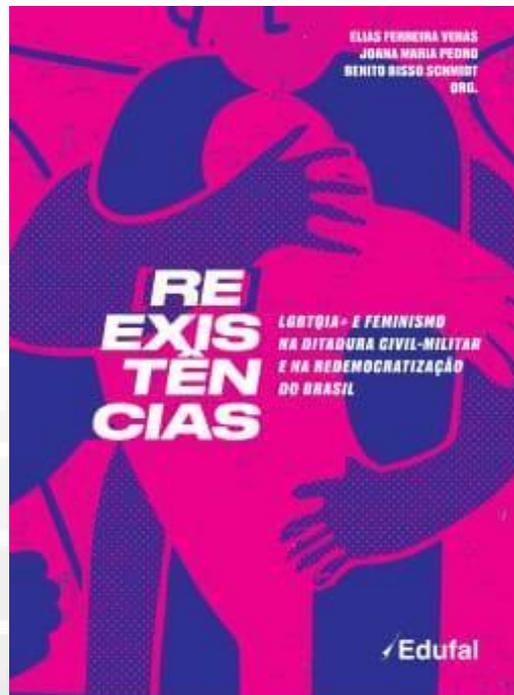
MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temáticas de Extensão:
**DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA**

Entrevista com Elias Veras



Cartaz do VI CDIGRS



Capa do livro [Re]Existências



Entrevista com Elias Vêras



Reportagem com Marcelo Nascimento

Maceió (AL), março de 2024.

Entrevista feita em FEV/2024

por KIM PATRICE SANTIAGO SARMENTO

Estudante de Mestrado em Estudos Literários / Fale UFAL

Projeto de Extensão "História para contar/2023"

Aprovada em FEV/2024. Revisada em MAR/2024. Publicada em MAR/2024.